

Trajetos: Seguir as águas pelas bordas, abrir um Caminho Novo: a Rua Voluntários da Pátria

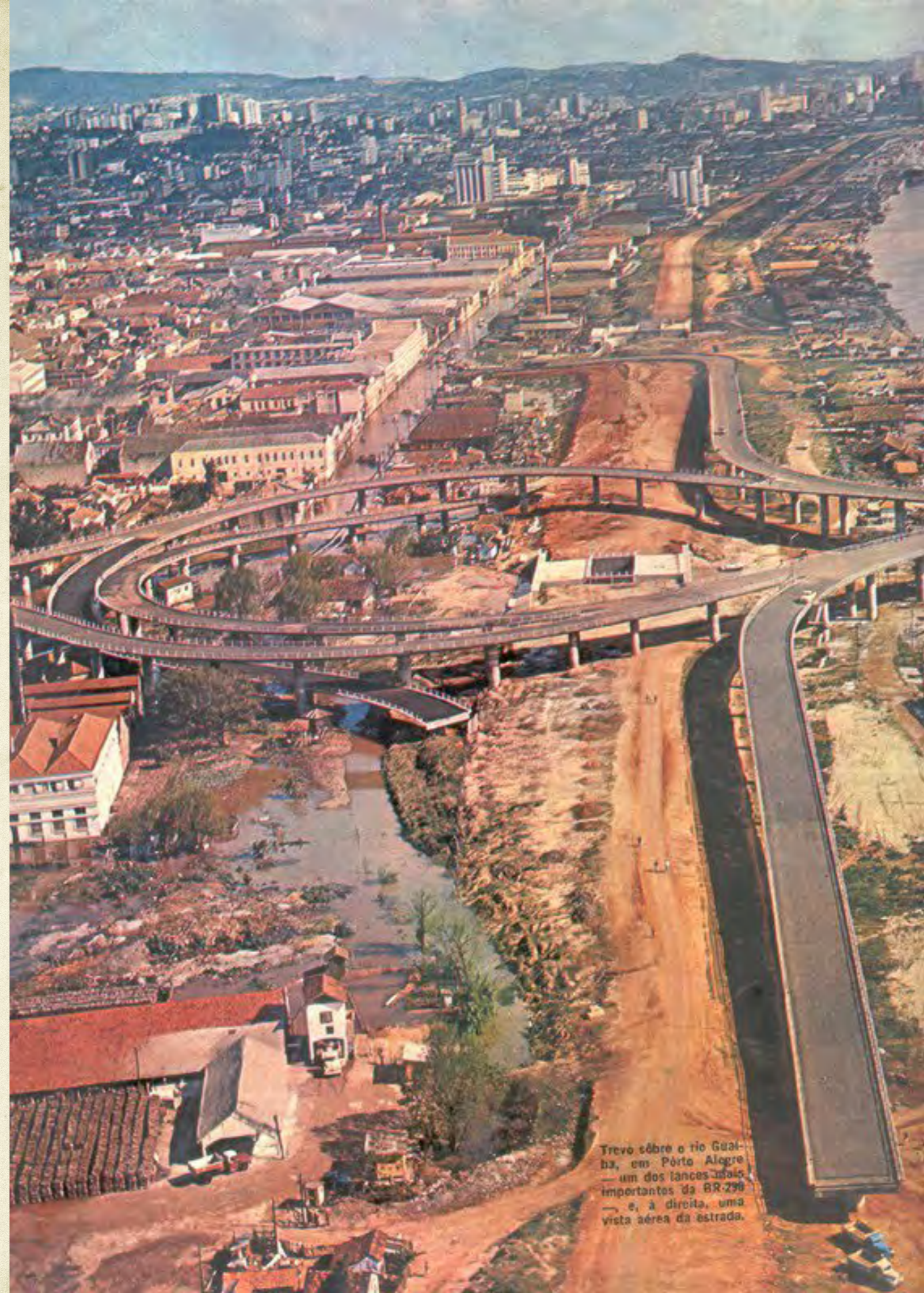
Pontos de interesse: Localizada nas regiões territoriais Centro e Zona Norte, a Rua Voluntários da Pátria atravessa cinco bairros diferentes da cidade, sendo eles: Centro Histórico, Floresta, São Geraldo, Navegantes e Farrapos. Com mais de cinco quilômetros de extensão, tem seu início na Rua Marechal Floriano Peixoto, ao lado do Mercado Público, e termina na Rua Ricardo Seibel de Freitas Lima, próximo ao Estádio Arena do Grêmio.

Início: O Caminho Novo tinha seu início na Praça Parobé – atualmente terminal Pereira Parobé – na região central da cidade, conhecida no passado como Doca das Frutas, uma doca portuária de abastecimento do Mercado Público e da cidade que, em 1919, passou por processo de aterramento.

Fim: Estádio da Arena do Grêmio

Contexto: Capital do Rio Grande do Sul, a cidade de Porto Alegre tem uma relação de longa data com o Rio Guaíba e com a Rua Voluntários da Pátria, principalmente quando se trata do desenvolvimento da metrópole a partir do século XIX, associada ao distrito industrial. A cidade, desde seus primórdios, teve pela via fluvial seu meio básico de operação e a Rua Voluntários da Pátria, por sua proximidade com o rio. A abertura da rua começa em 1806 pelo governador Paulo José da Silva Gama, dando acesso à Vila de Porto Alegre para as quintas, nas quais havia chácaras e casas de veraneio margeando o Guaíba. Localizada no coração da cidade, além de ser um entreposto mercantil, foi historicamente espaço de manifestações culturais de matriz africana.

Autora: Camila Braz da Silva, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul





A manchete do dia no Jornal do Comércio mostrava: "Em ritmo lento as obras da Copa são retomadas".

O dia amanhece chovendo muito. Algo esperado no inverno de Porto Alegre, como também as roupas que não secam e as paredes dos prédios úmidas. Pensava incessantemente porque raios não tinha feito campo em dia de chuva até aquele momento. Minhas memórias das obras da Copa do Mundo de 2014 ecoavam aridez e calor, escavadeiras e vestígios alaranjados da cor dos cones de sinalização urbana. Foi preciso uma mudança no ambiente para que eu pudesse sentir, atentamente, as águas nos meus pés.

Já não me lembro exatamente quando foi a primeira vez que caminhei sozinha pela extensão de toda a Rua Voluntários da Pátria, principalmente no trecho que se inicia depois do viaduto da Conceição. O cenário da Voluntários incluía duas estações de trem - conectando a região central ao 4º distrito da cidade - que davam à margem do rio lugar para o estabelecimento de trapiches, depósitos, estaleiros e oficinas, armazéns de atacado e indústrias. Tal trajeto pela margem do Guaíba recebeu inicialmente o nome de Caminho Novo, no qual se tinham inúmeras preocupações com o paisagismo e com o prazer que aquele percurso poderia proporcionar.

Caminhos silenciosos cercavam meus passos por aquela rua. Conseguia nitidamente ouvir sapatos na terra arrasada arrastando pedregulhos. Levantava os olhos na linha do horizonte. Entulho, grandes tubulações, grandes buracos, camadas de terra, concreto, asfalto, tudo revirado, como se estivessem começando algo que ninguém retornou para terminar. Mas somente aos finais de semana. Quando passava do viaduto da Conceição, durante os cinco dias, intensamente em horário comercial, o barulho não dava tréguas. Grandes máquinas cavando, operários em movimento, sinalização com cones marcando lugares fechados para transitar. E as pessoas transitavam. Reinventavam o espaço enquanto eu, ainda tonta com o barulho, sentia que o sol durante a tarde fazia a pele queimar.

Nos últimos anos, comecei a entender que o viaduto era uma divisão muito consistente da rua em relação à região central, sentido zona norte, mas mais ainda eram aquelas primeiras três quadras até a esquina da Rua Ernesto Alves: lugar de fronteiras porosas, com paisagem em constante mudança e características particulares que produzem reconhecimento. É posto, hotel, galpão de reciclagem, igreja, garagem de ônibus, lava-jato, funilaria, mecânica, boteco, restaurante, carrinheiros, carros, calçadas esburacadas, pedestres andando na rua, movimento, pressa, ruína, passagem. Tudo isso ao lado da Estação Rodoviária. Agora, com uma via duplicada, uns dizem que mudou muito, outros que continua a mesma coisa de como era antes das obras.

Ao mesmo tempo, as reminiscências das construções fabris podem ser encontradas reverberando por dentro dessas quadras, entre ruínas e patrimônios tombados, nas diversas formas de habitação, comércio e circulação de pessoas. Dividindo comigo a calçada inexistente e um pedaço da rua esburacada, porém circulável, estavam moradores da região, passantes que faziam daquele seu caminho para onde quer que fossem, carroceiros malabaristas com seus carrinhos empilhados de coisas prestes a tombar.

Desde o viaduto, pelo lado direito, reparava no que havia nas quadras seguintes e suas esquinas. Comecei a memorizar pontos importantes: primeiro um galpão de reciclagem, carrinhos que se alinhavam na frente em vagas bem delimitadas, um pequeno bar; seguindo, havia alguns prédios antigos com as grandes janelas fechadas de tijolos e cimento, outros servindo de moradia, uma grande oficina mecânica.

Andando mais, havia uma grande igreja, um pequeno restaurante, um antigo posto de gasolina desativado, outro restaurante, outro bar, outra igreja, algumas pequenas oficinas, mais uma igreja, um hotel em cima de um bar e um hotel bem antigo cuja fachada ocupava uma esquina inteira, um grande prédio branco com detalhes amarelos e escritos em verde e vermelho entre a Rua Ernesto Alves e a Rua Voluntários da Pátria. No letreiro: Hotel Rodoviária.

Em alguns trechos, me sinto caminhando solitária, quase não se cruza com outros transeuntes. Na esquina da Dr. João Inácio, uma borracharia. Caminho mais um pouco até conseguir ver o anel viário que conecta a antiga ponte do Guaíba com a BR-116. Por falar em ponte, em nenhum momento desse trajeto vi o rio. Entro à direita na Avenida Sertório.

A dificuldade de atravessar até a igreja Nossa Senhora dos Navegantes impõe ao pedestre duas opções: ou chegar à próxima faixa de pedestre seguindo a Sertório (que não é perto, verifiquei com minhas próprias pernas), ou se aventurar nesse cruzamento de avenida e rodovia. Atravesso praticamente correndo até a igreja por baixo da elevada, a sensação é de uma pequenez sem tamanho passar por baixo daquela grande estrutura. Não sou a única que passa por ali e provavelmente não serei a última. Na frente da igreja, me surpreendo com um pátio usado como estacionamento, bem iluminado pelo sol de uma manhã fria, com uma fileira de pequenas árvores protegendo o pátio da confusão exterior. Vejo um muro vazado de concreto e do outro lado os trilhos do trem. Espero pacientemente o barulho chegar, sento na escadaria da igreja, o trem passa. Subo as escadas até a porta e acima da porta um desenho de gesso me chama muita atenção: a imagem da santa, Nossa Senhora dos Navegantes, envolta a nuvens e, embaixo dela, um grande barco apoiado sobre águas turbulentas. Quão perto da água estou agora ou estaria em outros tempos? Meus pés estariam secos ou cheios de barro?









